

QUEM COMO E PARA QUEM ESCREVE?

As conversas entre amigos da literatura e também o apontamento do sr. Marcelo Panguana (TEMPO 571) encorajaram-me ainda mais na elaboração deste apontamento que desde há meses andava na mente, mas que a oportunidade ainda não lhe dera lugar. E para já vão os meus sinceros agradecimentos a esses amigos e a Panguana por me terem impelido da inércia com os seus justos reparos em relação às obras de autores moçambicanos postas em circulação este ano.

Tentarei aflorar as razões que julgo estarem em certa medida na origem de toda uma indiferença em relação a essas obras, razões do silêncio absoluto, pelo menos em termos públicos. E para não cair na generalização injusta, de-ter-me-ei num dos poetas, aquele que assina «MONÇÃO», Luís Carlos Patraquim. Ler este poeta é realmente difícil, senão difficilimo mesmo. As quatro tentativas de leitura por mim feitas não foram suficientes para entender «MON-

ÇÃO», salvo um ou outro texto. Basta mencionar o texto que lhe serve de apresentação, na contracapa, que a dado passo diz: «se configura traços para um rosto dele sabe o autor que se inquieta na implosão da metáfora e no complexo jogo da sua fixação». E de que maneira!

«O homem quer ser mais do que apenas ele próprio. Revolta-se perante a ideia de se consumir nos limites da sua própria vida, nas limitações efémeras e fortuitas da sua própria personalidade.» Assim dizia um teórico quando abordava a questão da necessidade da arte na vida do Homem. Porém, depois de quatro tentativas infrutíferas de me identificar com a obra de Luís Carlos Patraquim, repito, ainda me sinto na eminência de me consumir nos limites da minha própria vida. E já vou à quinta volta. «MONÇÃO» é uma obra extremamente inacessível. Por isso é que pergunto: **escreve-se para quem e para quem?** (pergunta já feita por conhecidos homens de letras).

Por outro lado concordo com aqueles que dizem que «o método de representação realista não se reduz a uma mera reprodução mais ou menos exacta do mundo, mas constitui uma apropriação estética e consciente da realidade como reflexo activo das condições sócio-económicas existentes».

Contudo, aplicar este justo princípio como o faz o autor de «MONÇÃO» **cria realmente um ciclo de vida bastante curto de qualquer trabalho, ou seja, um poema ou um livro duram somente o tempo em que o autor os tece até à sua publicação.** Luís Patraquim não grita (julgo que não) com a voz de todos os dias, nem usa as palavras de todas as esquinas. Pelo contrário, **na tentativa (consciente) de captar esteticamente a realidade perde-se irreparavelmente no complexo labirinto metafórico e afoga-se aí.**

Se a obra dele fosse realmente rica teria sido alimento para muitos paladares, mas não o consegue porque é simplesmente ilegível.

O autor cresce realmente no dicionário (parafrazeando o próprio) e nós outros que nos iniciamos nesta difícil arte ficamos como que definitivamente resignados, pois o modelo que se nos apresenta em «MONÇÃO» não nos serve de estímulo e exemplo a seguir (não confundir com imitar) no labor árduo de fazer das palavras matéria-prima.

Por isso estamos condenados a gravitar num espaço onde as probabilidades de asfixiamento literário são mesmo enormes, plagiando Marcelo Panguana. É que alguns daqueles que nos deviam arrancar da inércia das nossas convicções escrevem utilizando realmente técnicas que nos fazem supor que fazer literatura é qualquer coisa de impossível realização. Que ela exige trabalho, lá isso é verdade; mas impossível a nós outros que ainda (e mal) aprendemos «o complexo jogo da fixação», isto é que não. Mas desencorajam certos exemplos que temos nas nossas prateleiras (por sinal ainda pobres).

Ao dizer que ler Luís Carlos Patraquim é muito difícil não quero defender a mediocridade na nossa literatura, mas tão só manifestar o meu (e não só) desejo de ver as nossas obras literárias mais legíveis, mais compreensíveis e mais reais. Parece-me que a complicar-se assim demasiado estar-se-á a fugir à realidade.

No meu círculo de amadores de poesia e de literatura em geral, para dizer a verdade, sinceramente que ninguém ficou satisfeito e estimulado com «MONÇÃO». Aquele prazer de ler, aquele prazer de dissecar uma obra literária para dela extrair o sumo que alimenta a esperança e a confiança foi simplesmente dissipado pelo autor. Talvez os calejados nessas andanças literárias nos digam algo diferente.

E nós estamos a precisar mesmo de um debate sério sobre o fenómeno literário no nosso país. Isto é uma exigência que se impõe. Não é por acaso este silêncio todo quando se nos apresenta algo para ler. E não é por acaso também este silêncio tanto na produção como na crítica literárias. E a coisa agrava-se quando sabemos que alguns

escrevem, mandam os originais e daí ninguém nos diz nada.

É mesmo um caso para perguntar: **quem escreve o quê, porque, para quem, aqui e hoje?** E obras como a de Luís Carlos Patraquim merecem uma profunda análise para se responder à pergunta: **ESCREVER PARA QUÊ E PARA QUEM?** Da resposta que se der, surgirão com certeza algumas pistas claras para orientação, para o desabrochar de muitos valores que permanecem em caixotes lacrados, à espera da oportunidade de se revelarem.

Já vai longo este apontamento. Em jeito de resumo direi apenas o seguinte: nós, os amantes da literatura, ficámos no silêncio perante o surgimento de «Autores Moçambicanos» porque não sentimos o prazer de ler alguma poesia. O hermetismo exagerado não nos permite nem tão pouco «descobrir» o segredo, o âmago dessa poesia; e obviamente que sobre coisas que nada nos dizem não nos

podemos pronunciar. Mais ainda: precisamos de ver como o nosso homem de literatura vive o Moçambique de hoje, passados que são quase sete anos de liberdade, onde não temos necessidade de falar nas entrelinhas (sem significar simplismo e falta de beleza na linguagem).

De resto, temos alguns papéis escritos, mas receosos de se despirem por estarem muito aquém dos modelos que nos propõem. Aquilo que o INLD edita, sem pretender ser modelo a seguir, é-o efectivamente perante o jovem iniciado. Infelizmente, a continuar assim, estamos realmente condenados a viver num espaço onde as probabilidades de asfixiamento literário são mesmo enormes. Que os meus colegas o digam. Não digo «Adeus» porque o assunto merecerá a minha permanente participação, cansado que estou de viver literariamente inibido.

Jorge Sampaio

LUIS CARLOS PATRAQUIM

MONÇÃO

